

Motivação na pesquisa acadêmica: uma opção metodológica

Márcia Daniella Souza dos Santos¹

Resumo

Este trabalho se propõe a discutir a importância da motivação no processo de pesquisa. A proposta é baseada nas ideias de autores que defendem a relevância de elementos como a subjetividade e a emoção do pesquisador durante as etapas da pesquisa. O artigo está dividido em três partes. Na primeira é abordado o conceito de Metodologia da Pesquisa. Em seguida, são analisados os conceitos de motivação, com auxílio de teóricos da área de Psicologia. Na parte final do artigo, são unidas as duas vertentes já abordadas e a motivação é apresentada como elemento fundamental para que o pesquisador realize e conclua seu projeto de pesquisa, não apenas seguindo as exigências metodológicas, mas também o tratando como uma tarefa prazerosa e compensadora.

Palavras-chave

Metodologia, motivação, pesquisa.

Introdução

Para concluir seu curso de graduação, na maioria dos casos, o acadêmico se depara com o desafio de redigir uma monografia. Ao longo do curso que escolheu, ele precisará cumprir disciplinas que o preparem metodologicamente para executar a tarefa final da graduação. Mais tarde, quando o estudante inicia um curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* ou *Stricto Sensu*, vê que o trabalho de conclusão - seja novamente uma monografia (Pós Lato) ou uma dissertação (Mestrado)- está lá, mais uma vez, citado no final da grade curricular do curso escolhido, o que faz o coração do pesquisador palpitar diante da nova empreitada acadêmica.

Em geral, as disciplinas de metodologia indicam as fases que o processo da pesquisa deverá ter para que o projeto inicial seja executado do melhor modo possível. Os livros da área também auxiliam o estudante com recomendações

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e pesquisadora bolsista do Centro de Educação a Distância (CED) da Ufam.

proveitosas sobre as etapas da pesquisa e os métodos mais adequados a cada uma delas.

No entanto, nem sempre só as indicações de rumos metodológicos e explicitações de técnicas são suficientes para estimular o acadêmico a realizar o trabalho de pesquisa da forma que foi planejado inicialmente, ou seja, cumprindo as etapas dentro dos períodos previstos no cronograma. Um elemento muito importante para o processo de pesquisa e que pouco é citado nos livros de metodologia é a motivação. Sem motivação, o objetivo a ser alcançado, que é a realização e conclusão da pesquisa, se converterá em uma tarefa mais difícil e muito pouco prazerosa para o pesquisador.

Abordar a importância da motivação no processo de pesquisa é o objetivo deste artigo. O pesquisador é apresentado como indivíduo cuja subjetividade está presente ao longo de todo o processo de pesquisa. Para que o trabalho de investigação acadêmica ocorra dentro do planejamento previsto no projeto não é suficiente que haja apenas o rigor das normas metodológicas. É fundamental que o pesquisador esteja estimulado a executar as etapas da investigação para atingir o objetivo final da pesquisa.

Conceitos de metodologia da pesquisa

Lopes (1994) definiu inicialmente que a metodologia pode ser entendida como a teorização do processo de produção de conhecimento, uma espécie de "investigação da investigação". Segundo ela, "a Metodologia, em uma ciência, constitui o espaço por excelência para a reflexão de um campo de conhecimentos sobre si mesmo, enquanto prática teórica" (LOPES, 1994, p.77).

Neste artigo é considerada relevante a diferenciação que a autora adota sobre as concepções de metodologia. Lopes explica que a palavra "metodologia" sofre de ambigüidade. Para diferenciar o termo, ela recomenda que seja adotada a expressão "metodologia da pesquisa", no caso de investigação ou teorização da prática da pesquisa científica, e "metodologia na pesquisa" quando for uma referência ao trabalho com os métodos empregados. "Enquanto a primeira indica o domínio dos métodos numa ciência particular, a segunda constitui o âmbito da aplicação desses métodos numa determinada pesquisa" (idem, p.80-85).

Ainda Lopes alertou que, enquanto uma disciplina, a metodologia tende a formar metodólogos, que divulgam esse conhecimento específico entre os investigadores. No entanto, a necessidade de compreender a metodologia não deve ser um obstáculo para que o pesquisador resolva as questões metodológicas de sua pesquisa:

[...] o fato de cada pesquisador não ser um 'metodólogo' não deve eximi-lo de um necessário domínio de conhecimentos de Metodologia da pesquisa em sua área de estudo, condição *sine qua non* para poder realizar uma reflexão ativa e exercer a vigilância sobre as questões metodológicas colocadas pela realidade de sua investigação. Lembramos que esse domínio é parte fundamental das condições da produção científica de todo investigador (LOPES, 1994, p.85-86).

Dez anos após as afirmações anteriores, Lopes (2004) reelaborou um modelo metodológico para a pesquisa empírica que consiste em dois princípios básicos:

1) a reflexão metodológica não se faz de modo abstrato porque o saber de uma disciplina não é destacável de sua implementação na investigação. Portanto, o método não é suscetível de ser estudado separadamente das investigações em que é empregado; 2) a reflexão metodológica não só é importante como é necessária para criar uma atitude consciente e crítica por parte do investigador quanto às operações que realiza ao longo da investigação. Deste modo, torna-se possível internalizar um sistema de hábitos intelectuais, que é o objetivo essencial da Metodologia (2004, p.20).

Sendo assim, é possível extrair do modelo proposto pela autora que, além da necessidade de refletir sobre os métodos de pesquisa antes de empregá-los, é também preciso levar em consideração no processo de pesquisa a subjetividade do investigador, uma vez que sua postura acadêmica e intelectual será determinante na execução e conclusão do projeto. O pesquisador não é simplesmente uma máquina que executará uma tarefa. É um sujeito portador de uma subjetividade baseada nos contextos que vivencia. Ele é um indivíduo com o desafio de realizar um trabalho acadêmico que, como foi apontado no início deste artigo, pode ser uma monografia, uma dissertação ou até mesmo uma tese (doutorado). Para que esse processo ocorra da melhor forma, nesse caso a forma que foi planejada no projeto inicial, não há como seguir apenas um manual de instruções metodológicas.

[...] a pesquisa não é redutível a uma seqüência de operações, de procedimentos necessários e imutáveis, de normas rigidamente codificadas, que converte a metodologia numa tecnologia, num receituário de 'como fazer' pesquisa, com base numa visão 'burocrática' de projeto, o qual, fixado no início da pesquisa, é convertido numa verdadeira camisa-de-força que transforma o processo de pesquisa num ritual de operações rotinizadas. (...) um ponto central dessa concepção de metodologia é a noção do modelo que ela acarreta. Seu postulado é a autonomia relativa da metodologia, isto é um domínio específico de saber e fazer e o decorrente trabalho metodológico reflexivo e criativo (LOPES, 2004, p. 21).

Por sua vez, Baptista (s/d) acredita que a metodologia da pesquisa precisa ser reavaliada para que o processo de pesquisa não se transforme em um ato que procura isolar a sensibilidade do pesquisador.

[...] temos a necessidade de que o planejamento das estratégias de abordagem dos fenômenos seja o que eu venho chamando de 'trilha referencial' e não 'camisas de força' que endurecem o processo, muitas vezes. Deparamo-nos com o desafio de embrenharmo-nos no processo para conhecê-lo verdadeiramente e não apenas para confirmar 'pré-suposições', como parece ocorrer com alguns pesquisadores. Do ponto de vista técnico operacional, isto implica em planejamento, sim, mas na sensibilidade para alterações e reconsiderações, quando elas se fizerem necessárias pelas evidências (BAPTISTA, s/d, p.6).

Conceitos de motivação

Como foi abordado preliminarmente na primeira parte deste trabalho, a motivação é um elemento importante no processo de pesquisa, mas ainda não mereceu a devida atenção nas disciplinas de metodologia. No entanto, antes de discutir a relevância da motivação para a pesquisa, é preciso responder a uma pergunta que inicialmente pode até parecer simples: o que é motivação?

Teórico da área de psicologia, Murray (1971) explica que é a motivação que influencia os usos que uma pessoa dá às suas capacidades. Por outro lado, o autor afirma que a motivação não é uma área de estudos de interesse apenas dos psicólogos, mas também de profissionais de outras áreas. "Todos nós possuímos idéias particulares sobre o que faz as pessoas pulsarem de atividade [...]. Indagamos com freqüência o que uma pessoa quer, o que poderá influenciá-la, o que é importante para ela" (MURRAY, 1971, p.11-12).

Sendo assim, é possível dizer que a motivação é um aspecto que está presente no cotidiano das pessoas. A todo instante somos motivados (e até mesmo

desmotivados) por fatores internos e externos. Essa motivação (ou desmotivação) influencia nossos pensamentos e comportamentos.

Também psicólogo, Cofer (1980) afirma que a motivação está relacionada à emoção, o que leva muitas vezes ao uso da palavra motivação para fazer referência à causa ou ao porquê de um comportamento. Em contrapartida, o teórico esclarece que é preciso fazer uma diferenciação entre emoção e motivação para compreendê-las melhor. Sobre as emoções ele diz:

As emoções têm expressões em nossos rostos, posturas e outros movimentos. [...] Podemos dizer, em resumo, que as emoções são conhecidas por suas manifestações abertas e por declarações de como nos sentimos. Nenhum dos dois tipos de evidência é especialmente pertinente aos motivos (COFER, 1980, p. 47-48).

E a respeito da motivação o autor esclarece que na “motivação humana, falamos prontamente de incentivos. Uma forma de caracterizar a motivação humana, que nos parece plausível, é discuti-la em termos de metas ou objetivos” (idem, p.77).

Essas considerações permitem compreender que para esclarecer o que é motivação é necessário estar atento ao conceito de "motivo". De acordo com Murray, o comportamento de uma pessoa é dirigido e integrado por um fator interno, que é o motivo:

Um motivo divide-se, usualmente, em dois importantes componentes. Primeiro, o termo impulso refere-se ao processo interno que incita uma pessoa à ação. O impulso pode ser influenciado pelo ambiente externo [...] mas o impulso, propriamente dito, é interno. Segundo, um motivo termina ao ser atingido um objetivo ou obtida uma recompensa (1971, p.20-21).

A motivação pode ser considerada como um fator fundamental no processo de aprendizagem dos indivíduos. Dependendo do grau de motivação, o estudante ou o pesquisador retém um maior ou menor número de informações que estão sendo repassadas a ele. Murray destaca que a motivação é aspecto determinante no processo de utilização dessas informações recebidas ou coletadas. A mesma relevância da motivação ocorre no processo de solução de problemas e na expressão da criatividade do indivíduo.

[...] a motivação é um dos principais fatores determinantes do modo com uma pessoa se comporta. A motivação está envolvida em todas as espécies

de comportamento: aprendizagem, desempenho, percepção, atenção, recordação, esquecimento, pensamento, criatividade e sentimento (idem, p.39).

Como a proposta deste artigo é apresentar a motivação como um elemento fundamental da pesquisa, não é possível deixar de abordar a emoção como um fator intrínseco desse processo, uma vez que o pesquisador é indivíduo dotado de sentimentos e emoções. Porém, é necessário ressaltar que essa abordagem está distante da visão de que a pesquisa é um processo inteiramente racional. É preciso levar em conta a subjetividade do pesquisador. Segundo Nicolau (2007):

Durante muitos anos, gerações de cientistas realizaram pesquisas a partir da concepção de que o ser humano é racional por excelência, usando eventualmente suas emoções. [...] Mas nessas três últimas décadas, inúmeras experiências demonstram que essa 'racionalidade' nem sempre leva a decisões corretas ou acertadas, devido ao peso da subjetividade que envolve as questões humanas (2007,p.19).

Reforçando o papel da subjetividade na ciência moderna, Vaitsman (1995) afirma que “no nosso século, [...] a valorização da autonomia, da subjetividade, emergirá como eixo de um novo paradigma, integrando-se à imagem do objeto da ciência”. Sendo inerente ao ser humano e elemento subjetivo, evidencia-se neste artigo a motivação no processo de pesquisa.

Motivação na pesquisa acadêmica

As considerações anteriores permitem chegar à constatação de que as emoções do pesquisador não se separam dele durante a pesquisa. O sentimento de insegurança pode acompanhá-lo por todo o processo de investigação e a incerteza pode até ser um incentivo a mais para dar continuidade à pesquisa e concluí-la, alcançando a resposta procurada.

Morin (2002) destaca que "ninguém pode basear-se, hoje, na sua pretensão ao conhecimento, numa evidência indubitável ou num saber definitivamente verificado. Ninguém pode construir seu conhecimento sobre uma rocha de certeza" (2002, p. 23).

Por sua vez, Maturana e Varela (2007) também convidam seus leitores a abandonarem o hábito de "cair na tentação da certeza" e afirmam que:

Tendemos a viver num mundo de certezas, de solidez perceptiva não contestada, em que nossas convicções provam que as coisas são somente como as vemos e não existe alternativa para aquilo que nos parece certo. Essa é nossa situação cotidiana, nossa condição cultural, nosso modo habitual de ser humanos (2007, p.22).

Abandonar a segurança das certezas epistemológicas vigentes não é tarefa fácil para o pesquisador. É difícil sair da esfera da simples busca do conhecimento e partir para o plano do auto-conhecimento, que na verdade é fundamental no processo de pesquisa. O pesquisador precisa descobrir quem é ele mesmo, qual é o objeto com o qual gosta de trabalhar, qual é a motivação da sua pergunta, qual é a importância da resposta que ele busca.

Baptista afirma que só acredita na pesquisa realizada por sujeitos implicados emocionalmente. A autora defende também que há um estreito vínculo entre a produção da pesquisa e o ato de emocionar-se, uma vez que a subjetividade do pesquisador está presente ao longo de todo o processo.

[...] a subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais. [...] Os componentes de produção de subjetividade [...] são múltiplos. Envolvem desde os que se manifestam através da família, educação, meio ambiente, religião, arte, esporte; até os elementos fabricados pela mídia (BAPTISTA, s/d, p.4).

Portanto, conforme as considerações da autora, o pesquisador precisa ser um apaixonado pelo seu objeto de pesquisa porque ele só conseguirá produzir se desejar, se estiver mobilizado. A abordagem deste artigo considera que essa mobilização é justamente a motivação. Um indivíduo motivado consegue trabalhar melhor em prol do objetivo que deseja alcançar.

Nicolau reforça essa opinião, quando destaca que, ao se motivar, a pessoa ativa o seu cérebro para buscar soluções.

Uma pessoa entusiasmada com os desafios a superar torna-se altamente perceptiva para o inesperado, para encontrar soluções onde ninguém procura e é capaz de realizar operações exaustivamente com mais disposição, pois está movida por uma alegria e uma vontade interior particularmente gratificante (2007, p.73-74).

Ainda Nicolau ressalta também que, para alcançar o nível de motivação necessário para a realização de um trabalho (aqui está sendo abordada a pesquisa acadêmica), é necessário exercitar o cérebro por meio da inteligência emocional.

[...] as emoções [...] constituem a fonte mais poderosa de orientação, autenticidade e energia humanas e podem oferecer-nos um manancial de sabedoria intuitiva. A inteligência emocional requer que aprendamos a reconhecer e valorizar os sentimentos - em nós mesmos e nos outros- e reajamos apropriadamente a eles, aplicando eficazmente a informação e a energia das emoções em nossa vida (idem, p.89).

Conclusão

O pesquisador é o indivíduo que conduz a pesquisa. É ele que elabora o projeto e escolhe a metodologia de pesquisa, a "trilha referencial" para percorrer as etapas estabelecidas na proposta de estudo. Durante muito tempo, houve convicção no meio acadêmico de que o processo de pesquisa deveria ser objetivo e o mais racional possível. No entanto, já não há mais como ignorar o papel que a subjetividade exerce em todos os atos dos seres humanos, não é diferente na pesquisa.

Portanto, o processo de pesquisa é realizado por um sujeito constituído de inúmeras influências ao longo de sua vida. Esse sujeito é provido de emoções, sentimentos que expressa em suas atitudes. O seu comportamento é motivado por fatores externos e internos. Quando realiza uma tarefa que não deseja verdadeiramente, esse indivíduo não consegue mobilizar o melhor de sua capacidade e de seu potencial em prol do objetivo. Já em situação contrária, quando se dedica a um trabalho que o agrada, que o motiva, o indivíduo muda de postura porque está realizando algo que gosta. Essa modificação no seu comportamento, o motivo da mudança, é o que pode ser chamado de motivação.

Não importa a área de atuação do pesquisador, em todos os ambientes de pesquisa é possível afirmar que o fator motivação pode auxiliar muito no processo de realização do trabalho acadêmico. Ao escolher um objeto de estudo que o agrada, o pesquisador percorrerá as etapas de pesquisa de forma mais prazerosa. A motivação em realizar o trabalho o tornará mais criativo e conseqüentemente mais propício a encontrar a resposta que procura para o

problema formulado no projeto inicial. Ou seja, estar motivado é um passo fundamental para que o pesquisador consiga executar e concluir a pesquisa dentro do seu planejamento metodológico.

Referências

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Emoção e subjetividade na paixão-pesquisa em comunicação**-Desafios e perspectivas metodológicas. s/d. Disponível em http://www.fnpj.org.br/antigo/grupos_trabalho/pesquisa_graduacao/Natal. Acesso em: 11 mai. 2008.

COFER, Charles. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação**-Formulação de um modelo metodológico. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa de comunicação**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo-Volume XXVII, nº 1, jan-jun de 2004.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**-as bases biológicas da compreensão humana. 6. ed. São Paulo: Palas Atena, 2007.

MORIN, Edgar. **O método 2**:a vida da vida. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MURRAY, Edward. **Motivação e emoção**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

NICOLAU, Marcos. **Razão e Criatividade**-tópicos para uma pedagogia neurocientífica. João Pessoa: Idéia, 2007.

VAITSMAN, Jeni. Subjetividade e paradigma de conhecimento. In **Boletim Técnico do Senac**. v. 21, n. 2, maio/ago, 1995. Disponível em <http://www.senac.br/informativo/bts/212/2102003009.pdf>. Acesso em 7 de julho 2010.